

VIDA CAROLINA

MATERNIDADE NEGRA

Tatiane de Oliveira
(Instituto Federal de Mato Grosso)

Renilson Rosa Ribeiro
(Universidade Federal de São Carlos)

RESUMO	ABSTRACT
Entre navegar nas redes sociais, quem escolhe sentar para contar ou escutar alguém? Missão difícil, ainda mais envolvendo jovens. Porém, acreditando na potência transformadora da escuta e do diálogo olho no olho e nas trocas de experiências (Benjamin, 2012), este artigo, que é um recorte de uma pesquisa de doutoramento, na área de Estudos Literários, escuta a história oral de uma mulher jovem estudante, da camada popular, do ensino técnico integrado ao ensino médio, do IFMT e articula essas vozes e experiências com as da Carolina Maria de Jesus, na obra <i>Quarto de despejo: diário de uma favelada</i> , com foco nas experiências da maternidade que são diferentes, especialmente devido ao gênero, à raça e à classe, no Brasil. A metodologia é a história oral testemunhal (Meihy; Seawright, 2021), por meio de entrevista e da produção literária da Carolina. Prepare-se para ler experiências dolorosas, mas com muito atrevimento em busca de uma vida menos desigual para si e para as(os) filhas(os).	Between browsing social media, who chooses to sit down and tell or listen to someone? Difficult mission, especially involving young people. However, recognizing the transformative power of listening and eye-to-eye dialogue and exchanging experiences (Benjamin, 2012), this article, which is an excerpt from doctoral research in the area of Literary Studies, listens to the oral history of a woman young student, from the popular stratum, from technical education integrated into high school, at IFMT and articulates these voices and experiences with those of Carolina Maria de Jesus, in the literary work <i>Quarto de despejo: diary of a favela resident</i> , focusing on the experiences of motherhood that are different, especially due to gender, race and class, in Brazil. The methodology is testimonial oral history (Meihy; Seawright, 2021), through interview and Carolina's literary production. Prepare to read painful experiences, but with a lot of courage in search of a less unequal life for yourself and your children.

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Literatura; Escuta; História oral; Quarto de despejo; Maternar negro	Literature; Listening; Oral history; Quarto de despejo; Black mother

INTRODUÇÃO

Escutar alguém, em tempos atuais, talvez seja navegar contra a magia das redes sociais que ocupa muito tempo da nossa vida sem percebermos, como num passe de mágica. Porém, reconhecendo o poder transformador da escuta e do diálogo olho no olho e nas trocas de experiências (Benjamin, 2012), esta pesquisa escuta a história oral de uma mulher jovem estudante, da camada popular, do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), campus Cuiabá/Octayde Jorge da Silva, e articula essas vozes com as da Carolina Maria de Jesus, em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Entendemos que essa autora e a sua literatura convergem com as experiências da colaboradora da pesquisa e de várias

outras mulheres no país, por isso a elegemos como literata principal aqui.

Ferraz e Oliveira (2023, p. 216), em referência a Benjamin, citam que a narrativa oral “é uma narrativa em que a memória e a identidade do autor se mostram presentes, é o pássaro que constrói o ninho para seu filhote, sem se apossar totalmente de um já pronto, pois há sempre algo para acrescentar e para (re)fazer”. Nesse sentido, a metodologia utilizada é a história oral testemunhal, que articula a história oral de vida e a história oral temática, e no caso do recorte deste artigo, o foco é a “maternidade”.

[...] A história oral testemunhal é o gênero narrativo que combina aspectos da história oral de vida e da história oral temática. [...] Caracterizada por narrativas inscritas nas vivências dos narradores. [...] voltado à promoção da escuta de pessoas [...]. Nesse sentido, considera-se a necessidade de se tornarem públicos os abusos, as violações de direitos humanos, assim como as condições em que os silêncios – ou a ausência de documentos escritos – se mostram como entraves para o bem-estar social de minorias (Meihy; Seawright, 2021, p. 75-76).

A entrevista de história oral, com Aline, foi realizada no campus do IFMT, em julho de 2022.

Assim, na primeira parte abordamos sobre o *Maternar*, em seguida, sobre a *Vida Carolina*, onde fazemos uma breve apresentação da Carolina e da Aline. Após, na seção *Mães Carolinas*, apresentamos os dados e as articulações entre as narrativas delas e, por fim, as *Considerações*. Os resultados mostram que a maternidade negra é amor, resistência e atrevimento, tanto na literatura aqui apresentada quanto na vida.

1 MATERNAR

No capítulo II da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, que trata dos direitos sociais, atualizada em 2015, no Ar. 6º, diz: “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”.

Maternar é ação, porém quando não se tem os direitos sociais mínimos garantidos na prática - e não só na teoria, para algumas mulheres, principalmente se forem pretas, pardas, indígenas, o maternar passa a ser a ação de *resistir*, resistir à pobreza, à fome, à falta de leite, às vezes até do leite materno devido à desnutrição, à violência de gênero, doméstica, intrafamiliar, à discriminação racial, étnica, de classe, de gênero, social, etária entre outras - lembrando que diversas mulheres, independente da raça, cor, condição

social, classe etc., também sofrem com essas injustiças, basta apenas ser do gênero feminino, exceto a racial, no Brasil, já que não é a raça, cor e/ou fenótipos que histórica e socialmente são inferiorizados.

No século XIX, a glória da maternidade não valia às mulheres negras escravizadas, ao contrário, eram vistas, por seus “proprietários”, apenas como garantidoras da mão de obra trabalhadora (Davis, 2016). O conceito *de-matar*, adaptado por Luciene Rocha, do conceito de-lincar, de Grete Vera-Ro, contribui para entender as diferenças do maternar negro:

[...] Rocha aplica o conceito de *de-matar* aos esforços de mães negras em manter seus filhos vivos no sistema racista brasileiro que associa a raça negra à violência e criminalidade, utilizando-se de estigmas raciais que justifiquem as suas mortes. Esses esforços de *de-matar*, seriam com o intuito de que a juventude negra não seja interrompida ou que a verdadeira memória de sua maternidade negra prevaleça. A autora explica que a vulnerabilidade da população negra à violência - principalmente policial - e à morte, origina-se na “falta de incorporação de negros e negras no processo de construção da nação como parte importante e contribuinte ao processo [...]” (Camolesi, 2020, p. 96).

Nas palavras de Knibiehler, citado por Dorna (2018, p. 69-70), a maternidade “[...] não é mais considerada como um fato da natureza, [...]; é uma parte integrante da cultura, em evolução contínua’ [...] As experiências do maternar podem se diferenciar amplamente também de acordo com as classes sociais e as raças daquelas que maternam”, isso será visto adiante, nos exemplos da Carolina Maria de Jesus e da Aline, colaboradora da pesquisa, que mesmo sob as injustiças do gênero, da raça e da classe, gestaram e seguiram com a maternidade com zelo, amor e esperança. Sobre isso, Camolesi (2020, p. 99) traz outra citação de Rocha: “Se o principal recurso do genocídio é a morte negra, a maternidade tenta evitá-lo através de atos de *de-matar* baseado fundamentalmente no amor ao fruto do seu ventre gerador de negritude. [...]”. Segundo Gonzalez, citada por Evaristo (2020, p. 222), as mulheres negras “apesar da pobreza, da solidão quanto a um companheiro, da aparente submissão, é ela a portadora da chama da libertação, justamente porque não tem nada a perder”.

Essas mulheres são “heroínas do cotidiano” (Evaristo, 2020, p. 221) que não vivem, sobrevivem - pois não há outra opção, muitas vezes sozinhas por si e pelas(os) filhas(os), quando a paternidade é ausente - lembrando que pode haver ausência com a presença. “Ela [a paternidade] não é outra coisa senão a função de ausentificação que promove a castração. É por aí, graças a Frege, que a gente pode dizer que, como o zero, ela se

caracteriza como a escrita de uma ausência” (Gonzalez, 1984, p. 236). A solidão, nesses casos, é a única companheira das mulheres pretas e pardas, nas palavras de Kilomba (2019, p. 190), é a “outridade dupla” por não terem a pele branca ou a masculinidade.

2 VIDA CAROLINA

Nesta seção, abordamos, de forma breve, um pouco da vida da Carolina Maria de Jesus e de sua obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, e sobre a colaboradora da pesquisa, Aline.

2.1 VIDA CAROLINA DA CAROLINA

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento, no estado de Minas Gerais, em 1914 e faleceu em 1977, com 63 anos. Na época do seu nascimento, a população negra e pobre estava, de acordo com Farias (2017), sem respaldo político, social, cultural, educacional, profissional etc. Devido a isso, negras(os) foram alvos fáceis de exploradores de vidas negras, inclusive de vidas negras infantis. Carolina foi uma das vítimas desse projeto de abandono, inclusive do próprio pai e depois pelo padrasto que não a aceitou por ser preta (Penteado, 2018).

Em alguns anúncios de “emprego”, no início do século XX, o racismo evidente:

Creada – Precisa-se de uma, **branca**, com boas referências para arrumar/ quartos e que entenda também de costu/ra: rua Visconde de Rio Branco, n.3 **Correio Paulistano**, 21 de Setembro de 1911.

Precisa-se com urgência/ de uma cozinheira para/ família pequena. Paga-se bem. **Prefere-se branca**. Trata-/se á rua General Ozório, n.132 **O Estado de S.Paulo**, 25 de outubro de 1912.

Precisa-se com urgência/ de uma criada para ser-/viços de uma família pequena. **Prefere-se branca** **O Estado de S.Paulo**, 25 de outubro de 1912

(7) PRECISA-SE de uma boa co-/sinheira para ir para o in-/terior. **Prefere-se branca**./Tratar á rua Riberio de Lima n./80. **O Estado de S.Paulo**, 12 de maio de 1919 (Oliveira; Pimenta, 2016, p. 392).

Carolina engravidou do João, seu primeiro filho, de um marinheiro português que sumiu sem assumir o filho. Em seguida, foi dispensada do serviço de doméstica e não conseguia outro. Mas isso não a intimidou, afinal, não estava mais sozinha, precisava

sobreviver por si e pelo filho. Sem onde morar, foi para a favela do Canindé, próxima ao Rio Tietê, na capital paulista, e com as sobras de materiais de construção de uma igreja próxima, construiu sozinha seu barraco (Meihy; Levine, 2015).

Essa é a *vida Carolina* de uma mulher, preta, pobre, moradora da favela, mas que não se intimida pelas barreiras interseccionadas, com sede de liberdade, o que lembra a narrativa de Hartman (2022, p. 24): “um mundo inteiro se espreme em um pequeno quarteirão lotado de pessoas negras apartadas de quase todas as oportunidades que a cidade oferece, mas ainda assim *intoxicadas pela liberdade*”.

Sem conseguir emprego, mas “intoxicada pela liberdade”, Carolina foi trabalhar como catadora de papel e outros materiais recicláveis. A outra saída era morrer de fome com seu filho e, mesmo assim, de acordo com Meihy e Levine (1994, p. 22), “Era-lhe pago cerca de um cruzeiro por quilo de papel usado, garrafas e latas, o que era ínfimo para o sustento”.

Carolina encontrava cadernos no lixo e aproveitava para escrever, apesar de ter estudado apenas por 2 anos, sabia ler e escrever, então nos papéis velhos escrevia seu diário; Fernandez (2015, p. 40), sabiamente, afirma: “ela encontrou seu papel, como espaço da escrita e suporte de sua produção”. Evaristo (2020, p. 223) afirma que a literatura de mulheres negras, “[...] para além de um sentido estético, buscam semantizar um outro movimento, aquele que abriga todas as suas lutas. Toma-se o lugar da escrita como direito, assim como se toma o lugar da vida”.

A obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, do gênero autobiográfico, mostra o dia a dia de fome, de muito trabalho no lixo e a coragem da autora em usar a linguagem a seu favor, o agir pela palavra, escrita ou falada, contra qualquer injustiça, por exemplo: contra a fome, violência, miséria, solidão, contra o gestar e maternar injustos/desiguais etc. “A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra” (Evaristo, 2020, p. 223). As passagens abaixo demonstram o atrevimento da autora-narradora-personagem da obra que, mesmo ao mostrar a realidade, consegue aliviar com momentos poéticos e imaginação:

Dei banho nas crianças e preparei para sair. Fui catar papel, mas estava indisposta. Vim embora porque o frio era demais. Quando cheguei em casa era 22,30. Liguei o rádio. Tomei banho. Esquentei comida. Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem (Jesus, 2014, p. 24).

Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia. (...) Deixei o leito para escrever.

[...]

Fiz o café e fui carregar água. Olhei o céu, a Estrela Dalva já estava no céu. Como é horrível pisar na lama. As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos dos imaginários (Jesus, 2014, p. 58-60).

Na obra, a autora também narra, em várias passagens, seus momentos maternos, que abordamos mais adiante.

2.2 VIDA CAROLINA DA ALINE

Nesta etapa, apresentamos a colaboradora da pesquisa Aline, nome fictício escolhido por ela, tem 19 anos, é autodeclarada negra, estudante de curso técnico em secretariado integrado ao ensino médio, no IFMT, entrou por concurso público, por meio das ações afirmativas, nas modalidades de cota: Escola Pública (EP) e Pretos, Pardos e Indígenas (PPI). Ela conta que seu sonho e o do seu melhor amigo, o Mário, era entrar nesse curso, e na segunda tentativa, conseguiram.

Aline, logo no início do curso, em 2020, aos 16 anos, engravidou do namorado, pensou em trancar o curso, mas como era seu sonho, resolveu enfrentar as dificuldades, então ia com a filha recém-nascida, de ônibus, para as aulas, com a permissão da coordenadora e de cada professora(r). Todavia, poucos dias depois, veio a pandemia da *Covid-19* e com isso teve a oportunidade de estudar em casa na quarentena que durou, em média, de março de 2020 até o final de 2021, no IFMT. Para ela, esse período em casa foi bom pela filha e pela falta de recursos financeiros, pois não tinha com quem/onde deixá-la.

A seguir, segue um poema que aborda a história oral completa da Aline, feito com as palavras dela, lembrando que neste artigo focamos apenas a temática da maternidade.

Aline

Cabelo *alto*.
Sem brinco, parece um menino.
Magrela.
Pai longe.
Mãe sozinha, trabalhando e com *filhos e filhas*.
Avó não muito amigável. Escola melhor amigo.
Sem casa.
Quase fome. Só o básico.
Nunca comíamos o que realmente queríamos.
Di-vór-ci-o
angústia.

Término do namoro.
Sonho realizado: ensino médio no IFMT.
Vibre, alegria, nome na lista!
Muito esforço, foi segunda tentativa.
Alegrias não foram tantas porque estávamos em casa.
Perseverança! Amizade fortalecida.
Estudo integral. Desespero!
Pensei em desistir dos estudos, acolhimentos.
Covid-19. Mortes...
Ensino remoto.

Piores momentos...
Terreno, casa pela metade.
16 anos, namorando.
Grá-vi-da.
Nunca tinha parado, sentado e analisado tudo
o que passei.
Cho-
ro.

Filha, estudos e estágio
dificuldades.
Falta de tempo.
Reconciliação. Namoro.
Casas separadas. *Sem dinheiro*.
Muitas *responsabilidades* sobre a
mãe.
Sigo!

Na próxima etapa, analisaremos algumas narrativas da Carolina e da Aline, com foco na maternidade

3 MÃES CAROLINAS

A partir deste momento, apresentamos os dados e as articulações entre as narrativas da Carolina e da Aline, as *mães Carolinas*, que pela linguagem escrita e oral, investem “[...] contra várias formas de silenciamento, as mulheres negras continuam buscando se fazerem ouvir na sociedade brasileira” (Evaristo, 2020, p. 222).

Aline relata: “Hoje eu vivo só com a minha mãe e dois irmãos” (Aline). Ela mora com a mãe e com as(os) irmãos/irmãs, sem o pai, igual a Carolina com os seus 2 filhos e 1 filha. Ter que sobreviver sozinha no papel de mãe, quando há solidão e/ou abandono, é como tecer rendas fortes para tentar não cair. Lembra a “outridade dupla” (Kilomba, 2019), citada acima, referindo-se às mulheres e mães que sobrevivem apenas com filhas(os).

[...] fui ao seu Manoel levar umas latas para vender. Tudo quanto eu encontro no lixo eu cato para vender. Deu 13 cruzeiros. Fiquei pensando que precisava comprar pão, sabão e leite para a Vera Eunice. E os 13 cruzeiros não dava! Cheguei em casa, aliás no meu barracão, nervosa e exausta. Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. [...] Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem o privilegio de gosar descanso. Eu estava nervosa interiormente, ia maldizendo a sorte (...) Catei dois sacos de papel. Depois retornei, catei uns ferros, umas latas, e lenha (Jesus, 2014, p. 12).

Carolina, também sozinha e sem oportunidade de descanso, vê no lixo a alternativa para a própria sobrevivência e a de seus filhos e filha que precisam pelo menos do básico: “pão, sabão e leite”, é o “*de-matar*” diário da Carolina (Rocha *apud* Camolesi, 2020, p. 96), citado acima.

Num outro dia, vomitando e com tontura, tem que sair para pegar água que fica na torneira comunitária da favela. As crianças, preocupadas com a mãe, dizem que vão lutar para a morte não a pegar:

Passei o dia na cama. Vomitei bílis e melhorei um pouco. Fui carregar água. O João ficou contente. Perguntou-me se eu estou melhor. (...) Fiquei com tontura, deitei novamente.

... Os filhos estão com receio de eu morrer. Não me deixam sozinha. Quando um sai, outro vem vigiar-me. Dizem:

- Eu quero ficar perto da senhora, porque quando a morte chegar eu dou uma porretada nela (Jesus, 2014, p. 158).

Aline, entendendo o papel de destaque da mãe, relata:

Um dos meus irmãos se envolveu com aquele pessoal e quase foi morto por duas vezes, acho que estavam perseguindo ele. Na segunda vez, um amigo de infância nosso, que estava junto com o meu irmão e outras pessoas, **foi atingido por um tiro e morreu na frente de casa**, ouvimos o barulho de dentro de casa, quando saímos, já tinha um monte de gente na rua e o corpo dele estava no chão; eu lembro desta cena, eu era bem criança, eu não consigo esquecer, está ainda bem lúcida na minha mente. Isso abalou muito a minha mãe e reforçou o desejo que ela já tinha há muito tempo de vir para Cuiabá, não me lembro quanto tempo depois, mas viemos. No começo, ninguém queria vir, eu não me lembro de contestar porque eu era bem criança, mas eu me lembro que meus irmãos não queriam, teve um que queria ficar e morar com o pai dele, mas a minha mãe não deixou, um ficou por uns cinco meses e depois a minha mãe comprou passagem para ele vir, e assim a **minha mãe tirou todos nós de lá** (Aline).

É possível perceber o protagonismo dessas mulheres e mães, a Carolina e a mãe da Aline, provedoras de amor e cuidado que protegem suas filhas e filhos da fome extrema, da violência diária no país, que às vezes está na porta de sua casa. “O caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória é, segundo Halbwachs, excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado” (Bosi, 1994, p. 55). A imagem da morte, ou seja, do corpo negro estendido no chão, fica na memória da Aline, mas ao narrar ela reconstrói e ressignifica no presente.

Este relato da Aline quanto à imagem do corpo negro estirado no chão, lembra o conto *Fumaça do Mal*, de Oliveira, abaixo citamos um fragmento, que narra um dia de uma família pobre, em alusão e denúncia ao caso do Genivaldo, que morreu logo após uma

abordagem policial; aquele dia era para ser um dia “normal”, e foi, ou seja, com violência contra a população preta/parda no país, se fosse um sujeito branco, possivelmente o tratamento seria diferente:

Em seguida, mesmo com G se debatendo, os dois vultos tentavam colocá-lo e trancá-lo no porta-malas de um veículo que lembrava um carro assombrado. Com o corpo do G quase todo dentro do porta-malas, **só as pernas estavam ainda de fora, começou a sair muita fumaça por todos os lados e G se debatia ainda mais, já quase sem conseguir respirar**. Só dava para enxergar as suas pernas, que **não eram brancas**, se debatendo em meio a muita fumaça, parecia uma **situação de guerra**. Passados alguns minutos as suas pernas se acalmaram, lembrou o minuto de silêncio que G fez com a família na hora do almoço. Nessa hora os vultos conseguiram trancá-lo lá dentro e **desapareceram com ele para sempre** (Oliveira, 2022, p. 85, grifos nossos).

Quanto à maternidade, Carolina relata: “Eu nada tenho que dizer da minha saudosa mãe. Ela era muito boa” (Jesus, 2014, p. 48). A autora também foi uma boa mãe, a maternidade é um tema presente na obra *QD*:

[...] As vezes eu ligo o radio e danço com as crianças, simulamos uma luta de boxe. Hoje comprei marmelada para eles. Assim que dei um pedaço a cada um percebi que eles me dirigiam um olhar terno. E o meu João José disse:

- **Que mamãe boa!** (Jesus, 2014, p. 20, grifos meus).

Uma “sinfonia” que a Carolina era obrigada a escutar da sua filha, era: “- Mamãe eu quero pão! Mamãe, eu estou com fome!” (Jesus, 2014, p. 63). Sem dinheiro para comprar, ia à fábrica de bolachas pegar alguns pedaços, mesmo diante de zombarias, mas qual outra alternativa algumas mulheres pretas, pardas e pobres têm? Veja a situação:

[...] Enquanto eu esperava na fila para ganhar bolachas ia ouvindo as mulheres lamentar-se. [...] Tem pessoas que zombam dos que pedem. Na fabrica de bolacha o homem disse que não ia dar mais bolacha. [...]. E a fila estava aumentando [...]. Que dilema triste para quem presencia. As pobres querendo ganhar. E o rico não queria dar. Ele dá só os pedaços de bolacha. E elas saem contentes (Jesus, 2014, p. 61; 62).

Aline, abaixo, relata sobre a sua vivência materna com sobrecarga de responsabilidades, em comparação ao seu namorado, pai de sua filha:

A nossa relação é complicada porque a **mulher fica com todas as responsabilidades, a mulher sempre faz mais, a carga fica sobre a mulher**. Ele está lá na casa dele e eu fico com a minha filha na maior parte do tempo

com todas as preocupações, eu estou aqui no integral hoje, no IFMT, e fico pensando que poderia estar com ela, tenho sempre esta preocupação pensando em como ela está. Hoje é um dia que ele está com ela. A minha responsabilidade parece ser **três vezes maior do que a dele**, isso eu acho uma **injustiça** porque quando a gente não vive no mesmo ambiente acaba tendo esse desfalque (Aline).

Ela mostra-se crítica, ciente da injusta situação nas divisões das responsabilidades, entretanto, igual a Carolina, insiste na busca do melhor para a filha. Esta é a realidade de muitas mulheres, o que lembra o conto *Olhos D'água*, da Evaristo, quando narra as dores, mas também sobre a importância das mulheres e das mães na vida das crianças: filhas(os), sobrinhas(os) etc., veja:

Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e de todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? (Evaristo, 2016, p. 18).

Carolinas, Alines, mulheres, mulheres pretas, pardas, indígenas entre todas as outras, continuam *maternando*, algumas sozinhas, com dor, sangue e brilho nos olhos, porém brilho das lágrimas, mas permanecem esperançosas e na ação. Entretanto, que o “cálice de lágrimas” (Evaristo, 2020, p. 228) afaste-se de nós!

4 CONSIDERAÇÕES

Como visto na literatura da Carolina Maria de Jesus, em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, e na narrativa da colaboradora da pesquisa, Aline, maternar é ação, é a ação de *resistir*, principalmente para as mulheres pretas, pardas, pobres entre outras, no Brasil, devido à realidade histórica, colonial, social, racial, cultural etc., que as mantêm sob diversas desigualdades.

Fica evidente que a literatura da Carolina, de 1960, mesmo depois de mais 60 anos, continua trazendo identificações, pois ainda hoje faz com que muitas(os) leitoras(es) sintam na dor, na revolta e na coragem lidas na obra, talvez até dores e coragens maiores, o que somente um clássico consegue despertar, conforme afirma Bernardo (1999).

Aline, mulher negra e jovem, ao reconstruir suas experiências pela memória e pela linguagem, quebra o silêncio e ergue a voz por meio desta pesquisa, revela-nos as dificuldades vividas antes e após a sua recém-maternidade negra, porém não sem

resistências e apoio de outra mulher, a sua própria mãe, uma rede familiar de mulheres que se acolhem e lutam, inclusive com apoio de mulheres professoras do IFMT.

É possível perceber o atrevimento da Carolina e da Aline para saírem, junto às suas filhas e seus filhos, do “quarto de despejo”, lugar que, segundo Carolina, ficam as(os) “pobres” e “trastes velhos” (Jesus, 2014, p. 37), mas que lutam contra o projeto nacional que deseja mantê-las nessa situação, na paciência de um passarinho que constrói seu ninho, essa é a *vida Carolina*.

Por fim, a maternidade negra é amor, resistência e atrevimento, desde antes da Carolina, até os tempos atuais da Aline e de todas as outras mulheres.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, p. 165-196, 2012.

BERNARDO, Gustavo. O conceito da literatura. In: JOBIM, José. **Introdução aos termos literários**, EdUERJ, 1999.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: Constituição (planalto.gov.br). Acesso em: 04 out. 2024.

CAMOLESI, Emanuelli. De-matar: um conceito antropológico sobre a maternidade negra brasileira. **Revista Convergência Crítica**, v. 1, n. 17, 2020

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DORNA, Livia. **O materno como um tipo singular de trabalho**: encontro com mães - com formação universitária - sobre suas atividades. Tese (Doutorado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro-RJ, 2018.

EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: SCHNEIDER, Liane; MOREIRA, Nadilza; (Orgs). **Mulheres no mundo**: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: UFPB-JP, Ideia/Editora Universitária, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FARIAS, Tom. **Carolina**: uma biografia. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FERNANDEZ, Raffaella. **Processo criativo nos manuscritos do espólio literário de Carolina Maria de Jesus**. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Programa de Pós-Graduação em

Teoria e História Literária, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2015.

FERRAZ, Bruna; OLIVEIRA, Tatiane. O tédio é o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência: experiência, narrativa oral e formas de sobrevivência em Nikolai Leskov e Walter Benjamin. In: MENDES, Luís; VALÉRIO, Mairon; RIBEIRO, Renilson (Orgs.). **O ofício das palavras: encontros entre a literatura e a história**. São Paulo-SP: Paruna Editora, p. 206-18, 2023.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223-244, 1984.

HARTMAN, Saidiya. **Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais**. Edição Kindle, 2022.

JESUS, Carolina. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo-SP: Ática, 2014.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro-RJ: Cobogó, 2019.

MEIHY, José; LEVINE, Robert. **Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus**. Rio de Janeiro-RJ: Editora UFRJ, 1994.

MEIHY, José; LEVINE, Robert. **Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus**. 2. ed. Sacramento-MG: Editora Bertolucci, 2015.

MEIHY, José; SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e narrativas: história oral aplicada**. São Paulo-SP: Contexto, 2021.

OLIVEIRA, Kelly; PIMENTA, Sonia. O racismo nos anúncios de emprego do século XX. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão-SC, v. 16, n. 3, p. 381-399, set./dez., 2016.

OLIVEIRA, Tatiane. Fumaça do mal. In: PASCALE, Ademir (Org.). Contos e poemas assombrosos: histórias para ler na calada da noite. **Revista Conexão Literatura**. V. VI., 2022.

PENTEADO, Gilmar. **Estética da vida no limite: autenticidade, ponto de vista interno, testemunho e valor literário em Quarto de despejo (diário de uma favelada)**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Instituto de Letras. Programa de pós-graduação em Letras, Porto Alegre-RS, 2018.

Título em inglês:

CAROLINA LIFE: BLACK MOTHERHOOD